

# ABC DO PAISAGISMO

**JEANINE MAFRA MIGLIORINI**  
(Organizadora)

**Atena**  
Editora

Ano 2018

Jeanine Mafra Migliorini  
(Organizadora)

# ABC do Paisagismo

Atena Editora  
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação e Edição de Arte:** Geraldo Alves e Natália Sandrini

**Revisão:** Os autores

#### Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
M634a	Migliorini, Jeanine Mafra. ABC do paisagismo [recurso eletrônico] / Jeanine Mafra Migliorini. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018.  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-85107-37-6 DOI 10.22533/at.ed.376182609  1. Arquitetura paisagística. I. Título.  CDD 712.2
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Paisagem é um termo bastante abrangente, uma vez que tudo que vemos diante dos olhos é uma paisagem; paisagismo é uma ciência que busca ordenar o ambiente externo vivido pelo homem. Ao discutirmos a paisagem podemos falar das tendências do paisagismo residencial ou comercial, mas também falamos do urbano, das praças e parques, da paisagem constituída pelas edificações, em várias escalas possíveis de abordagem, o que torna o tema tão amplo e interessante.

Uma paisagem pode ser analisada através de sua transformação ao longo da história, que é testemunha da constante mudança em sua estrutura, uma vez que paisagem não é estática. São camadas de história diante de nossos olhos, que muitas vezes passam despercebidas pela correria diária.

A paisagem urbana se modifica com grandes eventos, como a inserção de um novo equipamento urbano, entretanto as pequenas transformações diárias também representam significativas interferências paisagísticas, e nos levam ao cenário atual, que amanhã será diferente e no próximo mês também, assim sempre estaremos diante de uma nova paisagem.

Analisar essa realidade, quer seja através da história, da atualidade ou de possíveis cenários futuros nos coloca como atuantes do espaço que vivenciamos diariamente, e com ferramentas para tomarmos decisões e interferirmos, se necessário, para manter, ou retomar a qualidade desta paisagem.

Neste livro apresentamos reflexões sobre as transformações históricas das paisagens e quais as consequências e a atual realidade encontrada. Também são abordadas as questões referentes às gestões participativas na construção desta paisagem. Como determinadas vegetações se encontram e devem ser cuidadas e preservadas nas cidades. Além de apresentar uma discussão acerca de o paisagismo religioso, ou seja, classificação do espaço a partir de características comuns que definem uma identidade.

As discussões são bastante amplas, assim como a temática do tema, entretanto são necessárias e pertinentes para a formação de indivíduos conscientes de seu entorno, e aptos a interferir e modificar as paisagens que nos cercam.

Boa leitura, que as reflexões despertem seu olhar para as paisagens que lhe cercam!

Jeanine Mafra Migliorini

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A INSERÇÃO DO SISTEMA FERROVIÁRIO EM ARAGUARI-MG: TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM ENTRE 1823 E 1950	
<i>Lucas Martins de Oliveira</i> <i>Eugenio Fernandes Queiroga</i>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>14</b>
UMA AVENIDA, UMA CIDADE, MUITAS TRANSFORMAÇÕES: JUIZ DE FORA, 1836 – 2016.	
<i>Tiago Goretti Ribeiro</i> <i>Antonio Ferreira Colchete Filho</i> <i>Victor Hugo Godoy do Nascimento</i>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>28</b>
A INFRAESTRUTURA VERDE NO ENSINO DO PROJETO DA PAISAGEM URBANA: REALIDADE E PROSPECÇÕES	
<i>Andrea Queiroz Rego</i> <i>Aline Pires Veról</i>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>43</b>
EXPERIÊNCIA DA GESTÃO PARTICIPATIVA NA QUALIFICAÇÃO DE LOGRADOUROS PÚBLICOS NA FORMAÇÃO DE ARQUITETOS E URBANISTAS: A REFORMA DA PRAÇA DO PESCADOR – SÃO LUÍS-MA	
<i>Agnes Leite Thompson Dantas Ferreira Thompson</i> <i>José Aquiles Sousa Andrade</i>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>54</b>
O DESENHO DO ESPAÇO LIVRE NA ESCALA DO BAIRRO A PARTIR DE PROBLEMATİKAS AMBIENTAIS: ESTUDO DE CASO DO RESIDENCIAL TARUMÁ – MARINGÁ, PR	
<i>Paula Rocha do Amaral Marino</i> <i>Karin Schwabe Meneguetti</i>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>71</b>
APREENSÃO DA FORMA URBANA E DA DINÂMICA SOCIAL EM CENAS URBANAS COTIDIANAS: PENSAR A CIDADE NO FUTURO.	
<i>Antonio Colchete Filho,</i> <i>Camila Caixeta Gonçalves,</i> <i>Fabrcio Teixeira Viana,</i>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>81</b>
SISTEMA DE ESPAÇOS LIVRES NA REGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA MÉTODO DE ANÁLISE DE ESPAÇOS LIVRES DE CURITIBA	
<i>Luciana Evans Romanus</i> <i>Silvio Soares Macedo</i>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>99</b>
A HERA VENENOSA E O ESPAÇO CIDADINO CONSTRUÇÃO DE MÉTODOS PARA ANÁLISE DE FITOPATOLOGIAS URBANAS	
<i>Matheus Maramaldo Andrade Silva</i>	

**CAPÍTULO 9 ..... 116**

MATA DO KRAMBECK NA CIDADE DE JUIZ DE FORA, MINAS GERAIS: CICLOS DE UMA HISTÓRIA DE RESILIÊNCIA

*Lucas Abranches Cruz*  
*Patricia Menezes Maya Monteiro*  
*Frederico Braidá*  
*Antonio Colchete Filho*

**CAPÍTULO 10 ..... 128**

PAISAGISMO RELIGIOSO: PARQUE EM REDE PEDRA DE XANGÔ, UM PATRIMÔNIO CULTURAL E GEOLÓGICO PRESENTE NAS TRADIÇÕES AFRODESCENDENTES DA CIDADE DE SALVADOR-BA

*Maria Alice Pereira da Silva*  
*José Augusto Saraiva Peixoto*  
*Cássio Marcelo Castro*  
*Sérgio Magarão de Figueirêdo Júnior*

**SOBRE A ORGANIZADORA..... 142**

## APREENSÃO DA FORMA URBANA E DA DINÂMICA SOCIAL EM CENAS URBANAS COTIDIANAS: PENSAR A CIDADE NO FUTURO.

### **Antonio Colchete Filho,**

Professor Doutor, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) – Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído (PROAC).

Juiz de Fora, Minas Gerais.

### **Camila Caixeta Gonçalves,**

Mestre, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) – Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído (PROAC).

Juiz de Fora, Minas Gerais.

### **Fabrcio Teixeira Viana,**

Mestre, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) – Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído (PROAC).

Juiz de Fora, Minas Gerais.

**RESUMO:** Todo ato de intervenção no espaço é um ato deliberado de intervenção na paisagem. Ao se constituir uma relação de causa e efeito entre espaço e projeto, entre projeto e paisagem, podemos ampliar nosso entendimento também da relação homem e mundo. Como fazer que o ensino de projeto em escolas e cursos de arquitetura estabeleça claramente essas articulações? Como fazer das ações de projeto marcas mais favoráveis na paisagem e atos mais valiosos e generosos para a vida humana nas cidades? Através desses questionamentos, o objetivo desse artigo é apresentar dois exercícios de

investigação sobre o espaço urbano com vistas à intervenção mais criteriosa e em acordo com as vocações e tendências de cada lugar. A partir de referenciais teóricos da análise urbana, do conhecimento sobre a problemática do espaço construído na contemporaneidade, e com o uso de literatura e iconografia de diferentes trechos da cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais, constitui-se um levantamento sobre esquinas urbanas e propôs-se pensar como eram esses lugares a partir de marcos temporais, para projetá-lo em um futuro mais ou menos distante do tempo presente. Os resultados alcançados pelos alunos permitiram o melhor conhecimento da história da cidade, bem como, a discussão sobre as relações sociais que se estabelecem em cada tempo, evidenciando a ação de diferentes agentes sociais na formação de nossos lugares cotidianos, e revelando, por fim, a força que cada projeto pode conter e repercutir, positiva ou negativamente, como atos e desejos indisfarçáveis sobre a paisagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino de Arquitetura; Projeto Paisagístico; História Urbana.

**ABSTRACT:** Every act of intervention in space is a deliberate act of intervention in the landscape. By establishing a cause and effect relationship between space and design, between design and landscape, we can broaden our understanding

of the relationship between man and world. How to make project teaching in schools and architecture courses clearly establish these articulations? How to make project actions more favorable brands in the landscape and more valuable and generous acts for human life in cities? Through these questions, the objective of this article is to present two research exercises about the urban space with a view to more careful intervention and in agreement with the vocations and tendencies of each place. Based on theoretical references of urban analysis, knowledge about the problems of space constructed in contemporary times, and the use of literature and iconography from different parts of the city of Juiz de Fora, Minas Gerais, a survey on urban corners and he set out to think what those places were like from temporal landmarks, to project it into a future more or less distant from the present time. The results achieved by the students allowed a better knowledge of the history of the city, as well as the discussion about the social relations that are established in each time, showing the action of different social agents in the formation of our daily places and revealing, finally, the strength that each project can contain and reverberate, positively or negatively, as undisguised acts and desires on the landscape.

**KEYWORDS:** Architecture Teaching; Landscape Design; Urban History.

## 1 | INTRODUÇÃO

Kublai Khan descrevia as cidades que visitava para Marco Polo e este sempre via algo de familiar em cada cena descrita (Calvino, 1990). As cidades têm mesmo algo de parecido entre si, mas ao mesmo tempo, guardam uma infinidade de particularidades que definem sua identidade, algo que as faz diferentes das demais.

A história da cidade, que já vem sendo escrita e retratada há muitos séculos, está impregnada fisicamente em muitos sítios, alguns ainda preservados. Em cidades mais novas, como no continente americano, e no território brasileiro, as substituições no ambiente construído são mais ágeis, sustentadas em grande parte no discurso do progresso que se fundamenta na maioria das vezes no interesse do capital imobiliário (Harvey, 2013).

O exercício proposto nas disciplinas Teorias do Projeto Urbano, da Pós-graduação em Ambiente Construído, e Teorias e Técnicas do Projeto Paisagístico, da Graduação em Arquitetura e Urbanismo, ambas da Universidade Federal de Juiz de Fora, propõe investigar a cidade a partir de um fragmento urbano e histórico: uma esquina, para, como em uma espécie de escavação de fatos e ideias, entender seu processo de transformação para propor e discutir possíveis cenários futuros, tanto físicos quanto simbólicos.

Com isso, observa-se a relevância em se analisar tanto a evolução urbana de uma cidade hipotética sob as perspectivas do desenvolvimento urbano no Brasil, quanto aplicar esse estudo em áreas específicas, e também reais, no contexto de uma cidade brasileira. Portanto, as ações projetuais devem caminhar juntas com o conhecimento

e entendimento da cidade em que se intervém. Assim, elencou-se Juiz de Fora como o objeto de estudo específico e palco para possíveis discussões e análises sobre seu desenvolvimento até épocas futuras, através de propostas de intervenções que buscam dar conta de tantas transformações sedimentadas.

Juiz de Fora se apresenta como uma cidade bem característica desse cenário e onde muitas transformações e substituições já ocorreram em sua paisagem urbana. Trata-se de uma cidade de mais de 550 mil habitantes que se localiza na zona da mata mineira e exerce forte influência nas cidades vizinhas. Ao mesmo tempo, revela uma conexão maior com o Rio de Janeiro do que com a capital de seu estado, Belo Horizonte, seja pela distância geográfica (183 km e 265 km, respectivamente), seja pela proximidade cultural. A cidade carrega importantes marcos edificados do passado na sua área central e, ao destacarmos determinados recortes nessa paisagem urbana, observa-se também importantes relações entre espaço e sociedade em diferentes épocas.

## 2 | METODOLOGIA

A partir de leituras sobre as transformações urbanas, sociais e culturais ocorridas nas cidades a partir da virada do século XIX para o XX (Simmel, 1967), da mercantilização do espaço urbano (Marcuse, 2004), das possíveis intenções de projeto sobre a cidade (Ascher, 2010), analisa-se a obra de Jörg Müller (1979), intitulada “La pelle mécanique” ou “La mutation d’une ville” (Figura 01) que, através de uma sequência de oito desenhos, indica a transformação de um espaço hipotético entre 1953 e 1976, tempo este compreendido como o de uma geração. O entendimento dessa obra gerou duas possibilidades de atividades, uma com alunos do Mestrado em Ambiente Construído da Universidade Federal de Juiz de Fora e outra com alunos do sexto período da disciplina de Teorias e Técnicas do Projeto Paisagístico (TTPP), da graduação em Arquitetura e Urbanismo, também da referida universidade. Nesse sentido, esses dois exercícios partiram de uma obra em comum, mas possibilitaram dois níveis de percepção da paisagem, gerando produtos projetuais diferentes.

Sobre esta obra, os alunos de mestrado em Ambiente Construído se debruçaram para entender o que viam nas imagens, através do exercício de brainstorming – tempestade de ideias – e verificando em cada ilustração quais foram as transformações que a cidade sofreu e como isso influenciou o quadro seguinte. A atividade possuía o intuito de propor um derradeiro quadro para a sucessão de imagens de Jörg Müller, em um novo e mais recente marco temporal (Figura 02). Com isso, os alunos se organizaram para realizar uma intervenção contemporânea na cidade partindo de desenhos feitos a mão em sala de aula e posterior manipulação digital desses desenhos relacionando-os com elementos das imagens que constituem a obra de referência. Nesse sentido, observa-se que alguns dos elementos inseridos na paisagem por essa atividade fazem

parte do repertório contemporâneo de muitas cidades, como introdução de arte pública e revalorização do espaço com mais áreas verdes. Já outros elementos são colocados ou transformados de forma crítica aos atuais problemas urbanos dessas cidades, como a transformação do viaduto em parque elevado e a consequente diminuição do número de vias para veículos nessa área que possivelmente faz parte da área central de uma cidade, priorizando a apropriação da cidade pelo pedestre.

A partir dessas decisões iniciais, entendidas como síntese do brainstorming, chegou-se a uma imagem contemporânea da cidade como lugar de pertinência e manifestação do binômio preservação-desenvolvimento. Assim, como valorização da imagem construída através do tempo, preocupa-se com os antigos marcos da paisagem, como o casario antigo e a catedral que aparece ao fundo, cuja vista foi obstruída ao longo dos anos devido a construção de um grande edifício. Já a antiga escultura pública, antes localizada na praça central, que foi esquecida por algum tempo e colocada de lado, passa então a ser valorizada através de uma nova implantação e iluminação no novo espaço público criado para a cidade. Uma nova peça de arte pública também foi inserida nesse espaço, como sinal da intenção na reaproximação entre cidadão e espaço público na contemporaneidade. Além disso, a prática do grafite, agora também entendido como arte pública, faz parte da paisagem, manifestando-se na empena cega de um edifício.

Como fatores de desenvolvimento para a cidade, adotados pelos alunos nessa atividade, observa-se que a cidade atual pretende ser mais sustentável, portanto, insere-se elementos verdes, como a nova vegetação da praça e jardins verticais na fachada de edifícios, valorizando os lugares de convivência até mesmo de espaços privados, como por exemplo o terraço de um edifício comercial. Foi observado também que a cidade hipotética se encaixava no paradigma das grandes intervenções rodoviárias dos anos 1960 em que se privilegiava o veículo ao pedestre. Assim, para devolver esses espaços para a população, parte do viaduto foi retirado e outra parte mantida para que houvesse o reaproveitamento de sua estrutura, transformando-a em parque linear, inspirados pelo exemplo do *High Line* em Nova Iorque. O pedestre passa a ser valorizado já que as vias antes utilizadas pelos carros passam a ser utilizadas para a fruição das pessoas nos espaços de convivência, e não mais apenas nos ambientes confinados dos shoppings centers. Observa-se que “diversidade” é a palavra de ordem, palavra que foi colocada no *brainstorming* e representada através da inserção de diversos tipos de pessoas que trazem questionamentos atuais como o convívio entre diferentes etnias, as correntes migratórias, a diversidade cultural, dentre outras questões sociais.

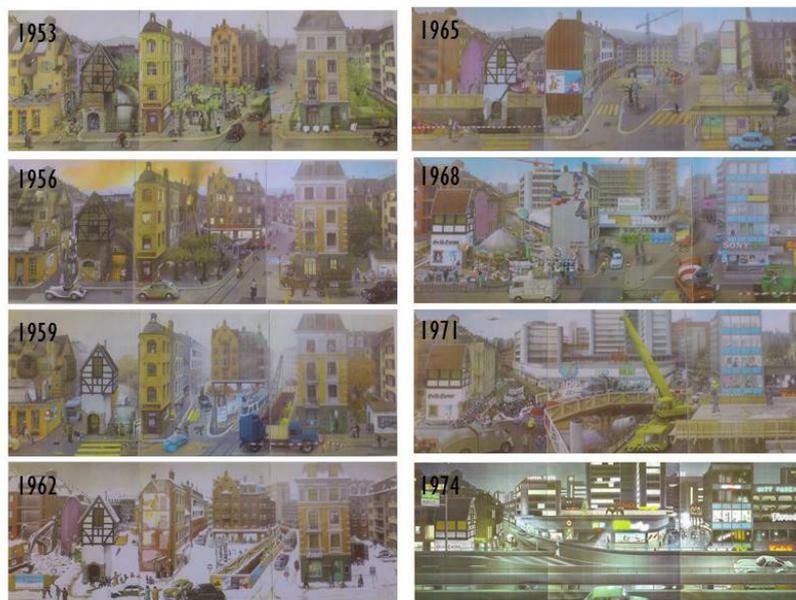


Figura 1 - “La mutation d’une ville” de Jörg Müller, 1979. Sequência de imagens que retrata as transformações de uma cidade fictícia.

Fonte: Elaborado pelos alunos: Camila Caixeta, Carlos Eduardo Rocha, Fabrício Dias, Fabrício Viana, Isabel Rodrigues, Leonardo Sanches, Patrícia Toledo.



Figura 2 - Proposta de intervenção realizada pelos alunos de mestrado para o tempo presente.

Fonte: Elaborado pelos alunos: Camila Caixeta, Carlos Eduardo Rocha, Fabrício Dias, Fabrício Viana, Isabel Rodrigues, Leonardo Sanches, Patrícia Toledo.

Essa experiência foi levada à graduação, para que os alunos do 6º período do curso de Arquitetura e Urbanismo desenvolvessem análises históricas com base na literatura e na iconografia sobre a cidade de Juiz de Fora. Observa-se que a atividade hipotética e até mesmo utópica de se pensar e intervir sobre uma paisagem idealizada exigiu uma evolução no sentido de se adotar uma cidade real para esse exercício de se pensar a cidade do futuro. Divididos em sete grupos de oito alunos em média, a primeira tarefa foi a seleção de sete trechos urbanos para a realização de propostas. O exercício trabalhou com a paisagem e os tempos na cidade e, portanto, o objetivo era que cada grupo escolhesse uma fotografia do passado (T1) de uma esquina emblemática da área central da cidade e, a partir dessa cena, reproduzisse o mesmo enquadramento no tempo presente (T2). Procurou-se um enquadramento fotográfico que fosse o mais fiel possível ao tempo passado para facilitar a comparação entre as imagens. A

partir das imagens T1 e T2, os alunos realizaram um diagnóstico através de análises ambientais diversas (Cullen, 1983; Kohlsdorf, 1996; Lynch, 1960) e de estudos que tratem das transformações e desenvolvimentos das cidades contemporâneas. Tendo sido realizada essa etapa, constrói-se o suporte para a próxima etapa do exercício: propor uma imagem para um futuro distante (T4) que poderia ser de até cinquenta anos à frente. Já a tarefa da última etapa foi ajustar o tempo histórico para um futuro mais próximo do presente (T3), o que poderia compreender entre cinco a, no máximo, vinte anos a frente de 2016.

Foram realizadas três apresentações nessa atividade, uma para cada produto desenvolvido na sua respectiva etapa. Nesse sentido, cada exposição, tanto do diagnóstico quanto das intervenções propostas pelos alunos, possibilitou debates importantes sobre o desenvolvimento da cidade e as tendências verificadas para cada área de estudo. Cada grupo pode intervir de maneira livre, de acordo com a pressuposição do que virá a ser a área de intervenção escolhida. Além disso, observa-se que os projetos já realizados para a área foram levados em consideração, partindo de uma abordagem mais realista do que poderá ser efetivado na paisagem.

O suporte gráfico do trabalho também foi algo que fortaleceu o entendimento das propostas. A cada marco temporal deveria ser apresentado um mapa e uma fotografia ou desenho correspondente. O uso de maquetes eletrônicas e recursos audiovisuais percorreu todas as fases da atividade. Na exposição do diagnóstico do tempo presente (T2) muitos grupos utilizaram-se de vídeos contendo entrevistas com antigos moradores, buscando compreender a dinâmica da área de estudo, quais as principais mudanças que ocorreram na região e quais eram os principais marcos na paisagem para essas pessoas. Na última etapa, houve a apresentação de todos os marcos temporais, como forma de se entender o trabalho como um todo articulado. Os grupos utilizaram de vídeos nessas apresentações como forma de melhor compreensão das propostas para o tempo futuro (T3).

A imagem abaixo (Figura 03) é parte do trabalho de um dos grupos da graduação, evidenciando os tempos escolhidos para serem representados. Observa-se que trata-se da história da cidade através dos mapas e desenhos feitos a mão. São imagens que contam a história de determinado lugar e as principais intervenções ao longo dos anos, tanto as já realizadas quanto as possíveis de serem feitas no futuro. Nota-se nesse trabalho a inserção da tecnologia através de novos meios de comunicação e novas formas de interação com a cidade. Evidencia-se também a utilização da ferrovia existente hoje como transporte de carga, para o transporte de pessoas no futuro próximo. Tratam-se de tendências já existentes para o espaço público, mas que sofrem um atraso na sua implementação nas cidades do interior do país.

Houve também uma preocupação em identificar as arquiteturas do entorno que seriam preservadas e outras que possivelmente seriam demolidas pela especulação imobiliária na cidade. Um grupo destacou algumas arquiteturas contemporâneas que poderão vir a ser tombadas no futuro distante T4, gerando um debate importante sobre

os atuais marcos na paisagem da cidade de Juiz de Fora.



Figura 3 - Imagem do processo final mostrando os mapas e imagens dos tempos escolhidos pelos alunos da disciplina de Técnicas e Teoria do projeto Paisagístico 2015/3.

Fonte: Elaborado pelos alunos: Arthur Teixeira, Bruna Cristina, Diogo Machado, Izabela Ferreira, Larissa Lara, Paulo Victor, Tairone Campos, Victor Soares, William Silva.

### 3 | ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Observamos com essas duas atividades propostas muitas diferenças, mas também semelhanças nos resultados alcançados. Dentre as semelhanças, ambas analisaram a paisagem urbana como processo de construção da cidade e que está em constante transformação, reflexo da sociedade que se modifica, do avanço das tecnologias de informação e comunicação, e das novas maneiras de se conceber e/ou modificar a cidade. Seja no campo da discussão teórica de um espaço idealizado, ou até mesmo lançando mão sobre um determinado fragmento da cidade, observa-se que esta apresenta inúmeras complexidades e contradições que devem ser observadas e pensadas minuciosamente. Os exemplos têm em comum, além da estrutura didática, a utilização de uma variedade de meios e ferramentas gráficas para sua elaboração.

Para pensar o futuro da cidade como planejadores do espaço construído faz-se necessário compreender o processo de transformação que o município sofreu ao longo dos anos. É importante identificar com clareza os diferentes agentes sociais que atuam diretamente sobre determinados lugares da cidade e prever possíveis ações para minimizar os impactos negativos dos mesmos que, segundo Ascher (2010), tratam-se do princípio de risco e precaução. Quanto às diferenças encontradas, podemos demarcar algumas, como por exemplo:

- O tempo para realização da atividade, no qual o mestrado teve o prazo de uma aula para discutir o desenvolvimento da paisagem urbana e propor uma paisagem futura sobre o espaço analisado. Depois disso, foi dado prazo de duas semanas para se materializar uma proposta ancorada nos programas

de computação gráfica. Já a atividade na graduação surgiu baseada na experiência do mestrado e se apropriou de um prazo mais extenso, com a divisão da atividade em etapas e fixação de datas específicas para demonstração dos tempos pensados para determinado espaço.

- O aprofundamento teórico diferenciado sobre essas questões, já que no mestrado já haviam sido realizadas diversas discussões sobre a cidade e sua evolução até a contemporaneidade. E na graduação essa atividade surgiu como um convite aos alunos pesquisarem mais sobre essa temática e entender melhor alguns conceitos, como paisagem urbana, cidade contemporânea, intervenção urbana, entre outros.
- Os resultados alcançados também foram diferenciados, já que no mestrado entrevistou-se sobre uma paisagem hipotética e diferenciada da realidade brasileira, mas nem por isso deixou-se de se pensar em questões que são pertinentes às nossas cidades. Já para a graduação, observa-se que os resultados alcançados no mestrado foram os incentivadores e serviram de experiência para a realização dessa mesma atividade, só que agora materializada em pontos diversos da cidade de Juiz de Fora.

Para o mestrado, a possibilidade de avaliar no âmbito físico, identificando quais as tendências de projetos mais eficazes, como um *High Line*, e no âmbito social, analisando quais grupos utilizava aquele lugar, são fundamentais no entendimento das relações entre os diversos agentes sociais e seus espaços construídos dentro de um processo. Além disso, o ambiente construído é resultado da interação entre esses dois conceitos principais: espaços públicos e agentes sociais (Colchete Filho, 2008). Assim, o espaço público está em constante transformação, em virtude das mudanças que vão se dando na sociedade. Observou-se também que essas futuras intervenções nesses espaços devem privilegiar os cidadãos através de medidas que os façam se sentir parte de suas cidades.

Para os alunos da graduação, intervir sobre trechos urbanos reais, muitos deles presentes no dia a dia e também no imaginário desses alunos torna-se uma importante ferramenta para o desenvolvimento das táticas de intervenção na cidade. Entender melhor o valor simbólico de determinadas construções existentes na paisagem e sua relação com as atuais estratégias do mercado e governo, ajuda-os a compreenderem os projetos que já estão em andamento (como shoppings centers, viadutos, mergulhões, VLT) na cidade, a utilização dos vazios urbanos existentes, além das possibilidades de intervenção futura tirando partido das tendências observadas. Assim puderam ser analisadas a eficácia e pertinência de cada decisão.

## 4 | CONCLUSÕES

A cidade é um organismo dinâmico e seu estudo contínuo e aprofundado, através da arquitetura e do urbanismo, pode revelar as muitas ações e omissões do homem sobre a paisagem. Isso gera reflexos que vão desde a escala do território a do espaço

público, entendidos como espaços por excelência do projeto paisagístico. O estudo de imagens urbanas, que sempre podem se relacionar a história das cidades, seja daquelas imaginadas, retratadas em quadros, desenhos de viajantes ou em sites especializados do mercado sempre nos ajudam a formular ideias vigorosas da nossa experiência urbana.

O estudo da cidade no âmbito de cursos de arquitetura, tanto da graduação quanto da pós-graduação, deve servir como um instrumento de leitura crítica não só da cidade, mas da prática de projetos que operam sobre ela. Nesses dois exercícios, brevemente descritos, verificamos como imagens de projetos ícones geram um repertório de escolhas projetuais, como *high lines*, *parklets* ou arte pública, que aparecem ao lado da verticalização das áreas centrais e da sempre desejada racionalização dos transportes públicos.

O exercício permitiu despertar nos alunos uma mentalidade urbanística que os capacitasse para o trabalho em conjunto com os demais profissionais envolvidos no processo de projeto urbano, e os incentivasse a refletir sobre os diversos fatores condicionantes da intervenção como legislação, transporte, acessibilidade, conforto ambiental, patrimônio e outros.

Ao se destacar a importância do estudo aprofundado da cidade e de sua história como instrumento de análise fundamental a qualquer prática de intervenção – real ou imaginada – há a possibilidade de entendimento crítico sobre os processos de produção do espaço urbano. Por fim, na especulação sobre imagens da cidade, tarefa que é início e fim, na maior parte das vezes, do processo de projeto em paisagismo, sempre reside também a oportunidade de ampliação da compreensão da paisagem e de seus diversos elementos e significados. Revelados em diferentes cenas urbanas, o exercício proposto faculta aos projetistas e leitores da cidade a chance de se pensar o que se fez e se pode fazer sobre lugares cotidianos, plenos de possibilidades.

## 5 | OBSERVAÇÕES / RECONHECIMENTO

Esse artigo foi apresentado no XIII Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e Urbanismo no Brasil (ENEPEA) de 2016, realizado em Salvador – BA, e publicado nos anais do evento.

Os autores agradecem o apoio da CAPES para produção dessa pesquisa. E também à professora Doutora Lilian Fessler Vaz (PROURB/UFRJ) pela cessão do material visual original e orientações iniciais ao trabalho.

## REFERÊNCIAS

- ASCHER, François. **Novos princípios do urbanismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 2010.
- CALVINO, Ítalo. **Cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- COLCHETE FILHO, Antonio. **Praça XV: projetos do espaço público**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.
- CULLEN, Gordon. **Paisagem urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- HARVEY, David. **Os limites do capital**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- KOHLSDORF, Maria Elaine. **Apreensão da forma da cidade**. Brasília: Ed. UnB, 1996.
- LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MARCUSE, P. No caos, sino muros: el postmodernismo y la ciudad compartimentada. In: RAMOS, A.M. (org.). **Lo Urbano**. Barcelona: Upc, 2004, p. 83-90.
- MULLER, Jörg. **La mutation d'une ville / La pelle mécanique**. Coleção Archimède. 1979.
- SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967, p.13-28.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-85107-37-6



9 788585 107376